



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Amazônia Ocidental**  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento  
Rodovia AM 010, Km 29, Caixa Postal 319, CEP 69011-970, Manaus-AM  
Fone: (92) 622 2012 - Fax: (92) 622 1100

**PESQUISA EM ANDAMENTO**

Nº 19, dez/99, p.1

## **AVALIAÇÃO DA REAÇÃO DE CULTIVARES DE BANANEIRAS EM NÍVEL DE PRODUTOR<sup>1</sup>**

Luadir Gasparotto<sup>2</sup>  
José Clério Rezende Pereira<sup>2</sup>  
Marilene Maciel da Costa<sup>3</sup>  
Mirza Carla N. Pereira<sup>4</sup>  
José Cristino Araujo<sup>2</sup>

Uma estratégia de antecipar e viabilizar a obtenção de cultivares de bananeiras resistentes à Sigatoka negra (*Mycosphaerella fijiensis*) e ao mesmo tempo, viáveis do ponto de vista da comercialização é testar a reação das cultivares em ambientes estratificados e em nível de propriedade rural.

Este experimento tem por objetivo avaliar em nível de produtor, na região do Alto Solimões, estado do Amazonas, a reação de cultivares de bananeiras triplóides já caracterizados do ponto de vista da palatabilidade.

O experimento será instalado em condições de campo, em área de ocorrência da Sigatoka negra (Tabatinga e Benjamim Constant).

Serão avaliadas as cultivares Caipira, Thap maeo, PV0344, FHIA 1, FHIA 3, FHIA 20, FHIA 21, Pelipita, Figo, Ouro da Mata, Nam e o plátano denominado localmente como Pacovã como controle suscetível.

As plantas serão espaçadas 3 m x 3m, em delineamento inteiramente casualizado com quatro repetições e dez plantas (touceiras)/parcela. Os tratos culturais (limpeza, adubação, condução de perfilhos) serão adotados conforme o sistema de produção para a cultura.

As avaliações serão efetuadas durante dois ciclos da cultura, computando-se as seguintes variáveis: diâmetro do pseudocaule na época do florescimento, altura da planta no florescimento e na colheita, peso de cacho, número de pencas/cacho e número de frutos/penca. Os dados relativos à doença serão comparados com os da cultivar suscetível.

A severidade da doença será avaliada aos seis meses, na floração e na colheita, computando-se a percentagem de área foliar com sintomas da doença: 1 = sem sintomas, 2 = 1% e/ou até 10 lesões com o centro seco, 3 = 2% - 5%, 4 = 6% - 15%, 5 = 16% - 33%, 6 = 34% - 50%, 7 = 51% - 100%. Serão registradas, ainda, a folha mais nova com sintomas e a folha mais nova com mancha (manchas necróticas com o centro seco).

Os valores médios das variáveis (qualitativas e/ou quantitativas) avaliadas serão submetidos à análise de variância e as médias comparadas pelo teste de Tukey a 1% de probabilidade.

<sup>1</sup>Trabalho a ser desenvolvido com recursos financeiros do Ministério da Agricultura e Embrapa Amazônia Ocidental.

<sup>2</sup>Eng.º Agr.º, Dr., Embrapa Amazônia Ocidental, Caixa Postal 319, CEP 69011-970, Manaus-AM.

<sup>3</sup>Eng.º Agr.º, M.Sc., Bolsista do CNPq/Embrapa/SHIFT.

a Amazônia Ocidental.